



DEVASTAÇÃO E AMOR (NA AVENIDA)⁰

Por Marcus André Vieira

Referência

Vieira, M.A. Devastação e amor (na avenida). Arquivos da biblioteca 17, Escola Brasileira de Psicanálise: Seção Rio de Janeiro. Goiania: Kelps, 2022.

[Capa e índice](#)

Resumo

Assumimos que a devastação é índice de uma posição, um modo de estar com relação ao gozo do corpo. Dito de outro modo, a devastação é “não sem” Outro. Mas qual o Outro da devastação?

O analista, por ter seu ofício pautado pelo amor de transferência, talvez tenha algo a dizer sobre o amor. No entanto, só o apreende “de dentro”, sempre de algum lugar específico em que é posto pelo analisante na transferência. Dessa forma, jamais tem dele uma visão panorâmica, de observador, que, sabemos é sempre uma posição de pretensão domínio, do mestre.

Então, melhor descartar de saída qualquer pretensão de entender ou explicar esse fenômeno apaixonante que é o do amor.¹ Aliás, o amor é assim mesmo, precariza qualquer mestre, já que ninguém tem dele um ponto de vista geral nem definição precisa a não ser, de tão distanciado, perdendo-se da experiência amorosa.

Melhor partir do mais simples: sabe-se, quando se ama, que se ama. Vale, aqui, o que diz Lacan sobre a certeza. Ela é alguma coisa “que se sabe, consigo”, mas que basta “prestar atenção para se perder dela”.²

A conjunção entre amor e uma certeza sem muita explicação desenha todo um universo vivo e apaixonante, mas, ao mesmo tempo parece trazer para essa experiência um espaço em que amor e angústia se encontram, afinal, ali, nunca se sabe bem onde se pisa. Há sempre o risco de que, de repente tudo parece ruir e a gente se encontra sem pai, nem mãe nem vizinho, em terra arrasada, sem saber como seguir.

Se há um termo no ensino de Lacan que ensina sobre esta conjunção entre amor e desastre é o de devastação [*ravage*]. É do que quero tratar.

I

A certeza de que se ama vem junto com a da angústia de amar. Dito de outro modo, não há amor sem *sofrência*.³ Como se vê, até o sertanejo universitário sabe que o mito da cara metade, do *true love*, é um ideal e que a realidade do amor é bem outra.

Apesar do amor ser todo um mundo, há modos distintos de estar no amor. Muitos. Chamemos de *amor romântico* esse ideal de que dois possam “fazer Um”. Desde Aristófanes, n’*O Banquete*, ele ganha a forma épica de uma explicação para o fato de sermos tão malfeitos: é porque seríamos a metade de uma laranja original.

Do ponto de vista do analista, sempre lidando com o desencontro, esse modo de estar no amor parece delírio fadado ao fracasso. Nada indica que teria havido um Éden em que teríamos sido plenos a não ser nosso desejo de que assim fosse. Esse ideal, porém, vela justamente essa inexistência. Assim, desde Freud, assumimos que não há como recuperar o gozo perdido de simplesmente porque este Éden nunca existiu. Essa parte de gozo perdida é irrecuperável, não porque comemos um dia com Eva a maçã, mas porque é exatamente a parte de nós mesmos perdida para nos tornarmos gente, seres da cultura que somos.

Não é apenas uma questão abstrata. Essa relação paradoxal entre um ideal de completude e uma parte perdida de nós mesmos, que nos constitui exatamente como seres em falta, se encarna em nosso próprio corpo. Ele é feito da mesma maneira, de uma parte de ser e outra de não-ser, uma parte visível e outra de um tanto de libido que não tem imagem, não está no que somos, mas que está por ali, nos rondando e apenas se acessa, parcialmente, em nossos pontos mais obscuros, dobras, estranhezas e silêncios.⁴

Toda a dor reside, então, afirma Lacan, em que no amor o que se visa é exatamente este além do que se é, além do ser – exatamente o que desaparece quando aparecemos no mundo.

Por isso, às vezes o amor é paixão. A paixão é uma “carreira sem limites” porque não se satisfaz, não se resolve com o que o objeto amado é, ou com o que ele teria para dar. Ela visa atingir, obter, dele, o que ele não tem, ou seja, o que (ao menos no campo do narcisismo) ele não é, nem tem como ser.⁵

II

Descartado o amor romântico, ficamos, então, com o amor-paixão. Melhor assim, pois por visar o além-mundo é que o amor pode mudar o mundo. É pelo amor-paixão

que tanto Freud quanto Lacan abordaram o amor. Chamaram-no de *desejo*. O desejo, no sentido freudiano, é o que visa o além da imagem, Outra coisa.⁶

O ponto de vista do desejo destaca ainda como esse além do ser, obscuro objeto, se distribui em dois polos. O desejo vive da busca de uma impossível recuperação do gozo que não há (dito de outra forma: ter de lidar com a inexistência da relação sexual), mas em nosso meio o faz segundo dois caminhos clássicos: os modos masculino e feminino de ser.

Mais perto do polo masculino estariam aqueles (ou aquelas) que buscariam em outro corpo, sobretudo, um objeto complementar que os garantissem como donos de si mesmo e de seu prazer. Na outra ponta, aquelas (ou aqueles) que buscam um Outro mais ou menos estável, uma alteridade complementar que os assegurasse de seu próprio corpo e, assim, de um prazer para chamar de seu.⁷ Os ditos homens querendo se fortalecer com uma mulher e as ditas mulheres querendo se estabelecer com um. O golpe de mestre da cultura dita patriarcal foi o de nos fazer crer que esses dois polos seriam não apenas naturais, biológicos sem outras opções, mas sobretudo complementares.

Tudo estaria bem se a gente não gozasse. A ideia de que algum dia, se buscarmos com vontade, seremos felizes por encontrar nossa alma gêmea se sustenta firme enquanto a parte perdida de nós mesmos teimar em fugir, inalcançável. Se só houvesse a busca de uma satisfação impossível, estaríamos para sempre amarrados à aos caminhos identitários, sexuados, em que essa busca se estrutura para cada um segundo sua estrutura de fantasmática. Acontece, porém, que, de vez em quando, goza-se. É o que torna o real da falta relativo. Por um instante o impossível acontece.

Nesse ponto do gozo, da falta da falta, chegamos perto da dissolução de si, seres de desejo que somos. Esse é o ponto em que Lacan localiza a angústia. Ela não é a falta, mas o que ocorre quando a falta vem a faltar. Esse será o ponto por onde a devastação entra na cena do amor.

III

Retomo rapidamente algumas das balizas sobre o tema do gozo, quando falta a falta, em sua contraposição ao desejo, quando a falta nos move, para chegar à devastação.

Não é apenas na diferença entre seres, masculino ou feminino, montada em torno da falta e da castração que Lacan vai situar e explorar o universo do amor e da angústia. Ao contrário, especialmente a partir de seus Seminário 20, na diferença entre gozos.

No plano do gozo, prazer, angústia e abismo podem se entrelaçar sem limitação. Se o gozo é a vida que nos toma sem a falta para dar-lhe limitação, ele deve ser oposto ao que Lacan denomina gozo fálico, o do prazer, que é uma perda de gozo e não o contrário. O prazer não ocorre sem aquele recuo, aquele ceder que leva a uma vida mais ou menos em paz. Sim, porque o prazer é sempre um recuo diante do abismo. É quando temos aquele sentimento momentâneo de que chegamos lá, chamado por Lacan de gozo sexual ou gozo fálico, cujo exemplo mais preciso é o que chamamos de orgasmo. O prazer sobrevém, quando desistimos, quando trocamos o infinito do gozo pelo gostinho dele na boca.

O Outro gozo é aquele “perder-se de si” que pode se insinuar na busca desencontrada do amor, como um empuxo sem direção ou porto e que nos abre a um angustiante infinito sem lugar. É quando se fica “fora de si”, “sem rima ou razão” para retomar o dizer de Jacques-Alain Miller.⁸

Foi com o lado dos que são sexuados pelo “não” (sem acesso direto ao gozo fálico), com as mulheres de sua época, que Freud reconheceu os paradoxos desse gozo, que dizemos feminino ou opaco ou ainda gozo do Um. Naqueles cuja estruturação hegemônica é a do “não ter” abre-se o sentimento de que a sofrência do amor não é porque não existe o gozo do casal, como um todo, mas porque o além desse gozo *lhe ex-siste*, como gozo *nãotodo*.

Situam-se aqui fenômenos amorosos que vão de par com a angústia, mas sem a limitação que ela ainda guarda apesar de *a mínima*, a de um “si mesmo”. É o amor como paixão louca do fora de si, de uma carreira sem limites. Vejam o micropoema de Hilda Hilst:

Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.

IV

A devastação ganhou em nossa comunidade *status* de conceito. É um substantivo e não apenas uma função adjetiva. Não se resume ao fenômeno, como em “estou devastada”. Podemos simplesmente superpor a experiência desse gozo à da devastação? Creio que não. Esse “lava, pó, nada” da devastação não poderia ser para nós o fim do mundo, desterro absoluto, deserto do real, simplesmente porque não há nada no real em si, nem devastação, nem mesmo deserto. Ninguém vive no real.

Assumimos, então, que a devastação é índice de uma posição, um modo de estar com relação ao gozo do corpo. Dito de outro modo, a devastação é “não sem” Outro.

Mas qual o Outro da devastação? Lembro as duas passagens de Lacan sobre a devastação.

Ele situa em uma passagem o parceiro masculino como o Outro da devastação e a mãe, em outra. Para uma mulher, alguém não arrimado pelo gozo fálico, o homem poderia levar à devastação por se recusar a ser Outro, já que só capaz de pensar em objetos e fetiches. Já a mãe, por sustentar uma impossível matriz identificatória, rivalitária que fosse, seria o parceiro-devastação da filha por estar, ela também, às voltas com o *nãotodo*.⁹

O que há em comum entre as duas situações que não seja apenas o fato da condição feminina, mas de uma posição a partir dela?

Proponho endossar a tese de Marie-Hélène Brousse: a devastação é efeito de uma posição que consiste em esperar de algum objeto mais “substância” que do Outro e de seus nomes.¹⁰ Não é esperar do Pai essa subsistência, como pensava Freud, mas de um objeto, que em nada se aproxima do fetiche, pois passa a valer mais que o Outro. Como no exemplo que ela dá de sua analisante para quem dormir sem o marido ao lado na cama é lançar-se em um vazio melancólico. Bastava o corpo a seu lado, nada mais, mas ao mesmo tempo esse corpo, mais que o Outro, é seu Outro. Sem esse corpo à noite é o corpo dela que fica sem forma.

V

Que parceiro deveria ser para separar em parte o analisante desse objeto total? Desse Outro da devastação? Creio que a desestruturação é tão radical que essa pergunta só pode começar a ser respondida se abordamos a alteridade em questão não tanto como a de um objeto, mas a do *sinthoma*. O analista, aqui, é objeto, tomado na transferência como objeto da fantasia do analisante, de acordo. Melhor, porém, tomá-lo como parceiro-*sinthoma*, ou seja, igualmente fazendo-se destinatário do gozo que não cabe na fantasia.

Como aquela analisante que, depois de tudo perder com a perda de seu marido, que a trocara por outra mais jovem, após toda uma vida juntos, perde-se na devastação. Só a abandona quando consegue deixar relativamente de lado aquele objeto absoluto, o marido, por permitir-se registrar uma sensação corporal inusitada. Um simples banho de cachoeira passou a condensar um modo de erotismo “tátil” da pele como um todo, sem a passagem pelo olhar, que era condição para seu gozo fálico, e que a fixava ao olhar do marido perdido, assim como o olhar das outras mulheres, para quem só podia se sentir a velha encarquilhada e um dejetto.

Suponho que esse novo erotismo “de pele” esteja mais no plano do gozo do *sinthoma* que da fantasia, plano que só se verificará como tal no fim da análise, mas que se apresenta aqui em um horizonte estabilizador com relação à devastação.

O *sinthoma*, absolutamente sem chão, é que dará um chão? Uma imagem desse paradoxo em sua relação com a devastação talvez nos dê “A mulher do fim do mundo”, canção feita para Elza Soares. Devastada? Sim e não. Na avenida tudo deixou, mas ao mesmo tempo lá encontrou um modo de se firmar e afirmar sem recorrer diretamente à sua história ou identidade, mas, sobretudo, a um fazer. É a que canta e cantará até o fim.

Na avenida deixei lá/ A pele preta e a minha voz/ Na avenida deixei lá/ A minha fala, a minha opinião/ A minha casa, a minha solidão/ Joguei do alto do terceiro andar/ Quebrei a cara e me livre do resto dessa vida/ Na avenida dura até o fim/ Mulher do fim do mundo/ Eu sou eu vou até o fim cantar/ Mulher do fim do mundo/ Eu sou eu vou até o fim cantar [...].

0 Outra versão publicada como: Vieira, M. A. Amor e devastação (sofrências). Jornadas EBP Bahia 2022. Disponível em < <https://ebpbahia.com.br/jornadas/2022/amor-e-devastacao-sofrecias1/> >

¹ Por isso a importância de uma comunidade de experiência, como a nossa da AMP, em que, juntando-se os variados pontos de vista, pode-se ter um tanto de saber, assim como nossos encontros, como o X Enapol. Para “O amor é apaixonante” cf. Lacan, J., *O seminário livro 21*, inédito, lição de 12 de março de 1974, *apud* Vieira, M.A., “Sobre o amor e a pulsão”. In: *Os destinos da pulsão*, Rio de Janeiro: EBP-Rio; Contra Capa, 1997, p. 130.

² Lacan, J., *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 567.

³ Esse termo já foi incorporado ao léxico e sua expansão indica a que ponto não há amor sem dor. Marília Mendonça o diz com todas as letras, em “Todo mundo vai sofrer”. In: *Todos os cantos*, v. 2, 2019.

⁴ Cf. Miller, J.-A., “Introdução à leitura do Seminário da angústia de Jacques Lacan”, *Opção Lacaniana*, n. 43, São Paulo, EBP, 2005, p. 7-91.

⁵ Como afirma Lacan: “[...] amar é amar um ser para além do que ele parece ser.” Lacan, J., *O seminário livro 1*, Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 315.

⁶ É pelo desejo que Freud trata o amor, não como um estado ideal da alma (*Liebe*), mas como fascinação, captura, movimento (*Verliebtheit*) (cf. Vieira, M.A., *op. cit.*).

⁷ Mantendo a referência à música, vale aqui o exemplo do *funk*. Desafio alguém a encontrar no *funk* outra coisa que não a afirmação fálica de que é possível apropriando-se desse gozo impossível ao modo fálico – a mais bonita, a mais gostosa ou a mais rica, ou o carro do ano ou o último iPhone, como queiram. Descer até o chão do jeito perfeito, deixar todas as outras recalçadas. Recalcada, empoderada, vai, malandra.

⁸ Miller, J.-A., “L’orientation lacanienne, L’Un tout seul”, lição de 6 de abril de 2011 (inédito).

⁹ Lacan empregou o termo *devastação* em dois momentos de seu ensino para se referir 1) à relação da filha com sua mãe em “O aturcido”: “Por essa razão, a elucubração freudiana do complexo de Édipo, que faz da mulher peixe na água, pela castração, ao ser nela ponto de partida (*Freud dixit*), contrasta dolorosamente com a realidade de devastação que constitui, na mulher, em sua maioria, a relação com a mãe, de quem, como mulher, ela realmente parece esperar mais substância que do pai – o que não combina com ele ser segundo, nessa devastação.”, *Outros escritos*, p. 465); 2) à relação de uma mulher com um homem, em seu seminário sobre o *sinthoma* – “[...] este que é para ela uma aflição pior que um sintoma, a saber, uma devastação”, Lacan, J., *O Seminário livro 23 (1975-1976)*, Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 98.

¹⁰ Cf. Brousse, M.-H., *Mulheres e discursos*, Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 15.

ARQUIVOS DA BIBLIOTECA

PUBLICAÇÃO DA ESCOLA
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE
SEÇÃO RIO DE JANEIRO



AGOSTO 2022

Escola Brasileira
de Psicanálise
Rio de Janeiro
ISSN 1963-2308

Copyright © 2022 by Ana Beatriz Freire

EDITORA KELPS
Rua XV de Novembro, 102 – 5ª. Maracanã, Rio de Janeiro
CEP 20.030-000 – Caixa Postal
Rio de Janeiro, RJ 20.030-000
E-mail: kelps@kelps.com.br
homemage: www.kelps.com.br

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Carla Augusta Tavares

CAPO

Luca Serra

Foto

Anabela Vianna

DP – Brasil – Catalogação na Fonte

A772 Arquivos da Biblioteca 17 / Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – Outubro 2022
204p.
ISSN 1963-2308
1. Psicanálise. I. Convergência. II. Delaia, F. Paganini, I. Thais.
CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático

CDU 159.964.2

O conteúdo da obra e a sua reprodução são de inteira responsabilidade da equipe da Biblioteca da EBPP-RJ.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.129/95) é crime estabelecido pelo artigo 184 da Constituição.

Impresso no Brasil
Rio de Janeiro
2022

Diretoria da EBPP Rio de Janeiro 2021-2023

Diretora Geral – Ruth Helena P. Cohen

Diretora de Secretaria e Tesouraria – Cristina Frederico

Diretora de Carreiras e Intercâmbio – Maísa Cascato

Diretora de Biblioteca – Ana Beatriz Freire

Editora

Ana Beatriz Freire

Comissão de Publicação de Arquivos n. 17

Clarisse Bocchial Fraga

Cristina Duha Silveira

Felipe Viana Pinheiro

Isabel Barata Adler

Jeanne Marie Costa Ribeiro

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Maria Eliza Monteiro

Maria Isbel Lamy

Virgínia de Lencastre

Primeira revisão

Maria Cristina Antonio Jeronimo

Revisão final

Alice Alberti

Revisão bibliográfica

Cristina Duha Silveira e Jeanne Marie Costa Ribeiro

Bibliotecária

Bruna Rogéria Gomes

bibliotecariagomes@kelps.com.br

(55 21) 2539-2721

Arquivos da Biblioteca é uma publicação da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro

Rua Capistrano de Abreu, 14-16 – Botafogo
22.271-000 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Secretaria da EBPP-RJ (55 21) 2539-0960
www.ebpp.org.br/ri/ebpprj@ebppo.com.br

Sumário

I. Editorial	9
Ana Beatriz Freire	
II. Preparatória ao X ENAPOL: "O novo no amor: modalidades contemporâneas de laços"	
O amor e a devastação	
Um amor fora de si - Maria Josefina Sota Fuentes	19
Devastação e amor (na avenida) - Marcus André Vieira	29
Debate	37
III. XXVIII Jornadas Clínicas da EBPP-Rio e do ICP-RJ: "Os nomes da vida: marcas da pandemia"	
Introdução - Fátima Pinheiro	51
Preparatória	
Situações amor - Fabian Fajnwaks	53
Debate	63
Confissões, debates e testemunho de passe	
Vozes da florista, vozes da vida - Ailton Kreniak	89
Comentários do grupo de trabalho após a exibição do vídeo	101
A psicanálise durante a pandemia - Miguel Bassols	105
Debate	121
Antecipar-se ao bem viver e a seguir respirando - Paola Cornú	135
IV. Além do princípio de prazer: retorno a Freud hoje	
Além do princípio de prazer - 102 anos e meio depois - Gilson Lorenzini	143

Comentários

A psicanálise entre guerras - Cristina Duha Silveira	163
"Operamos o tempo todo com um grande 'x' que transportamos conosco para cada nova fórmula." - Paulo Vidal	167
V. Histórias da psicanálise no Rio, entrevistas	
Entrevista com Romaldo do Rêgo Barros	173
Entrevista com Maria Isabel Lins	185
VI. Resenha	
Sobre o livro <i>A ética da crítica contemporânea</i> de Gloria Georgina Seddon - Maria Sílvia Garcia Fernández Hanna	201